

## TÉTIS E AQUILES, O GINECEU E TROIA: UMA BREVE NOTA SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

1

Aquiles é levado por sua mãe, Tétis, para a Ilha de Scyros para permanecer escondido do olhar de Ulisses. No gineceu, entre mulheres e disfarçado de mulher, vive alheio à Guerra de Troia, que é o seu destino. Troia exemplifica a grande epopeia grega e o paradigma do dever para com a comunidade. O mito é lido por Gomá (2007) na chave de um modelo de desenvolvimento humano que vai desde do estágio estético, típico da infância e adolescência, centrado num *eu* sem obrigações, com todas as suas possibilidades abertas, mas sem as concretizar, até ao estágio ético, que caracteriza a vida adulta. É de inegável valor, para a reflexão educacional, dado requerer pensar nas finalidades da vida - e também da educação - bem como no caminho necessário para o seu cumprimento, um caminho que não pode ser percorrido sem a liderança necessária de Ulisses, o Educador.

A primeira coisa que podemos destacar no mito, é o papel de Tétis, a mãe de Aquiles. Ela é apresentada como um arquétipo interessante das relações paterno-filiais, marcadas pelo amor e pela proeminência do pai e da mãe na educação dos seus filhos. Esta é uma questão crucial, pois a atitude em relação à própria escola dependerá também das expectativas e comportamentos dos pais para com ela, como eles a entendem e, especialmente, o seu papel nela, a própria estrutura familiar, o tipo de pressões a que a família é submetida, particularmente em contextos desfavorecidos. Se Aquiles conhecia o papel protetor de Tétis, também a escola de hoje deve conhecer os seus próprios "Tétis", para agir em conformidade e para reinterpretar, na atual conjuntura social, cultural e familiar, o sentido da maioritariamente aceite protagonismo do pai e da mãe na educação dos filhos.

Em qualquer caso, e independentemente dos atuais e heterogêneos contextos familiares, a relação entre Tétis e Aquiles pode funcionar como um exemplo dos limites estruturais da relação familiar para a educação, e da necessidade da escola como uma ajuda diferente para a formação humana. É indiscutível que a família desempenha um papel educativo importante (Fontana, Gil Cantero, Reyero: 2013), um papel que tem as suas próprias características com consequências para a formação dos alunos: entre elas, afeta de forma especial o condicionamento afetivo originário da relação entre pais e filhos, especialmente no que diz respeito ao sofrimento dos filhos. Na verdade, Tétis quer evitar que Aquiles morra na Batalha de Tróia, cumprindo o oráculo de que ela mesma está ciente. A mãe de Aquiles, logicamente preocupada, tenta contornar esse evento fatal na vida do seu filho, trancando-o no gineceu e disfarçando-o como uma mulher, para que Ulisses não o pudesse encontrar. Tétis, com esta atitude, exemplifica duas coisas. Primeiro, que a aprendizagem da mortalidade, que é a aprendizagem do sofrimento, dor e frustração, é feita muitas vezes de costas para a família, pois os pais não podem facilmente e sem ajuda percorrer esse caminho<sup>1</sup>. Em segundo lugar, que Ulisses, um exemplo de vida para a cidadania, será o professor encarregado de tirar Aquiles dessa vida familiar para apresentá-lo às exigências da vida *política*.

<sup>1</sup> Não podemos ler esta afirmação de forma dogmática. É evidente que há pais que expressam no seu caminho uma atitude até heróica no fortalecimento das crianças em face da adversidade, mas não há como negar a relação prática entre a ligação afetiva e o medo do sofrimento, especialmente em relação àqueles que são mais queridos.



Sem reconhecer a complexidade desses laços afetivos e emocionais de origem, é difícil que as instituições de ensino possam estabelecer uma relação correta, exigindo um espaço próprio que os pais devam conhecer e respeitar. Ambos os personagens e ambos os espaços são necessários para a vida de Aquiles e ambos são, por sua vez, insuficientes. Discursos que não levem em conta esta dificuldade base, não poderão responder às dificuldades que as relações familiares sofrem na vida real. Não há dúvida de que os discursos educacionais atuais enfatizam o envolvimento necessário da família na vida escolar (Bolívar, 2006; Epstein, 2001; Egido e Bertrán, 2017). No entanto, também é comum que as escolas se queixem da dificuldade que os pais têm em articular tal envolvimento. "Nos últimos tempos, os professores têm-se queixado, e com razão, sobre como, face a certas situações de conflito, a atitude mais comum dos pais é apoiar os seus filhos, em vez de colaborar" (Bolívar, 2006:133).

A conversão dos pais em clientes e consumidores acentua uma relação crítica entre os dois mundos e promove uma desconfiança crescente entre pais e professores (Calvo, Carrasco, Amor, 2016). Esta desconfiança não pode ser quebrada distorcendo os fins próprios da escola ou da família, mas sim explicando as diferenças complementares. Nenhum espaço por si só, pode oferecer uma educação integral, e ambos devem respeitar as suas diferenças essenciais, espaços e tempos. Mas o perigo para uma liderança nascida de uma concepção integral de educação é não reconhecer as limitações e oportunidades que oferece a sua posição particular. Continuando com a metáfora, Ulisses não é Tétis e tem objetivos e papéis diferentes dos de Tétis. Querer o desenvolvimento integral da pessoa requer reconhecer que um aluno se desenvolve tanto em instituições de ensino como em muitos outros espaços.

Compreendendo a relação Tétis-Ulisses, podemos pensar na liderança de Aquiles em termos de uma tensão criativa com "os de casa", liderando o caminho para o espaço de cidadania, do público. A escola não é, nesse sentido, outra família.

O modelo de liderança que propomos não pode ser alheio às dificuldades particulares que as famílias em situações mais desfavorecidas enfrentam. Também não significa que o conhecimento destas dificuldades não é necessário ou útil. Nem que as famílias devem estar à margem da escola. Existem inúmeros estudos sobre os benefícios das comunidades de aprendizagem ou outros modos de incluir as famílias na escola. Nesses ambientes, possivelmente, a escola pode e deve fazer um trabalho importante para recuperar precisamente uma determinada estrutura familiar, mas não podemos esquecer que, como diz o filósofo Alasdair MacIntyre "o que aqueles que cumprem o papel de um bom pai conseguem é levar a criança ao ponto em que ele é educado, não só por eles, mas também por outra diversidade de professores" (MacIntyre, 2001:110). Ele parece sugerir que seria suficiente serem família e agirem como tal. Ou seja, o seu trabalho seria incentivar, conversar com os seus filhos sobre o que eles fazem na escola, manter grandes expectativas e incentivar bons hábitos de leitura (Castro, et al, 2015). Não parece que faça falta estar na escola o dia todo para fazer isto e fazê-lo bem.

A transição do ambiente familiar para a vida comunitária através da escola, ou o que se torna a conversão da criança num adulto, também é exemplificada no mito analisado por Gomá. Descreve uma evolução contada na relação com a cidade, em relação à vida pública, e que deve ser vivida por cada pessoa. A criança e o adolescente trancados no seu eu devem trilhar um caminho até a maturidade, que é temporalmente extenso, com a ajuda de adultos, e em que percorre diferentes etapas. Cada uma deles requer que se repense como a liderança é exercida.



Lembremos que, na história mítica, o pequeno Aquiles é inicialmente educado pelo centauro Quíron nas artes e na guerra, antes de ser empurrado por Ulisses para dar o último salto de compromisso para com a sua comunidade.

Nesse caminho, o ser humano passa por diferentes fases: "Na infância, a criança vive em harmonia com o cosmos sentindo-se segura e protegida como uma parte natural do mesmo" (Goma, 2007:83). Na adolescência, a pessoa já vislumbra as exigências da vida adulta para as quais ainda não quer ir porque não quer morrer e a vida adulta consiste, em certo sentido, em aprender a morrer. Assim, a vida antes da idade adulta, o tempo do eu absoluto, é estranha às exigências da cidade, mesmo existindo tensão em relação a ela, porque o ser humano nasce na *polis* e é na *polis* onde tem que ganhar a vida enquanto a perde. Nisto precisamente reside o segredo da vida comunitária versus o individualismo. Liderar este caminho humano é uma tarefa difícil no mundo do individualismo. Uma educação correta que conjugue o papel da liberdade individual com o que desempenha nas nossas vidas o compromisso com os outros é essencial, e a escola é um quadro perfeito para liderar o desenvolvimento dessas duas dimensões.

